

# Bancos vão aceitar

**Economia**

*Dívida Externa*

sexta-feira, 25/8/89 □ 1º caderno □ 13

## pagamento em atraso do Brasil

**Beatriz Abreu**

BRASÍLIA — O governo pretende negociar com os bancos credores uma travessia sem traumas para o atraso nos pagamentos dos juros da dívida externa que vencem em setembro. O Brasil não tem condições de pagar os US\$ 2,3 bilhões, para não fragilizar suas reservas internacionais, mas não declararia a moratória. Os bancos, por sua vez, recorreriam a artifícios contábeis para não registrar prejuízos nos balanços, com o compromisso das autoridades brasileiras de que, tão logo seja concluído o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), os pagamentos seriam normalizados. Essa estratégia está sendo chamada, por técnicos do governo de *club deal* expressão que pode ser traduzida como acordo de cavalheiros.

Esta é a estratégia que está sendo analisada pela área econômica e que passa por outras alternativas, como in-

cluir na negociação a emissão dos *exit bonds* (bônus de saída) e até mesmo a possibilidade de conversão da dívida a vencer em investimentos. Esta segunda opção impediria, de imediato, problemas na execução da política monetária. Caso o governo opte pela conversão, em setembro, de US\$ 1,8 bilhão, previsto no acordo assinado em 1988, perderia o controle da expansão da base monetária (emissão primária de moeda) porque esses dólares seriam transformados em cruzados, que circulariam livremente no mercado interno. Isto preocupa as autoridades porque muito dinheiro em circulação é sinônimo de inflação.

**Mortos** — Um importante assessor governamental definiu em linguagem popular o que os brasileiros buscam com os credores: "Que todos se finjam de mortos, agindo como se nada estivesse acontecendo". John Reed, presidente do maior credor, o Citybank, prefere dar mais charme a esta operação, que chama

de *club deal*, traduzido no Ministério da Fazenda como a reunião dos bancos para formalizar uma "ajuda financeira" para o Brasil vencer os pagamentos de setembro.

As negociações com o FMI ganham detalhes importantes e que no momento são favoráveis ao país. Incluir no acordo metas quantitativas para a expansão do dinheiro em circulação é uma inovação que agrada às autoridades econômicas porque representa um indicativo que toma como base de expansão os chamados depósitos à vista, que praticamente existem. E por um motivo bastante simples: com o processo de inflação elevada ninguém deixa seu dinheiro parado no banco, ele será mais facilmente encontrado no overnight ou nas contas remuneradas. Ou seja, o país concorda com uma imposição de percentual de expansão que seja de fácil cumprimento porque não existe expectativa de que a inflação caia dos níveis atuais.